



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALINE CAROLINE DE SOUZA LAURINDO

VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA RURAL: autobiografia e formação de uma educadora

JUAZEIRO, BA

2024

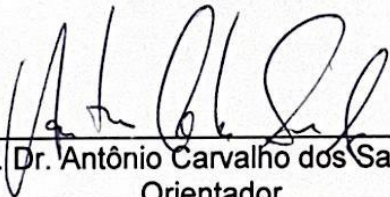
ALINE CAROLINE DE SOUZA LAURINDO

**VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA RURAL: autobiografia e
formação de uma
educadora**

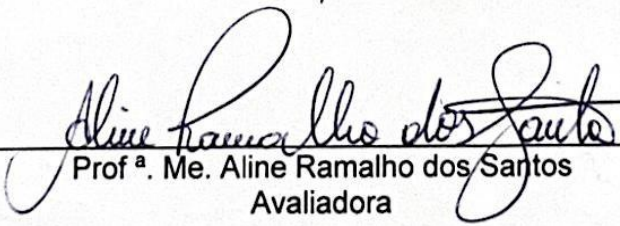
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia -
Campus III, para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

DATA DA APRESENTAÇÃO: 10/01/2025

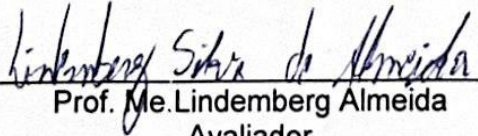
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Carvalho dos Santos Jr
Orientador



Prof.ª Me. Aline Ramalho dos Santos
Avaliadora



Prof. Me. Lindemberg Almeida
Avaliador

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS
III CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALINE CAROLINE DE SOUZA LAURINDO

**VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA RURAL: autobiografia e formação de uma
educadora**

Trabalho de Conclusão de Curso, Artigo científico, apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus III, como pré-requisito básico para a conclusão do Curso de Pedagogia na disciplina TCC II, sob a orientação do Prof. Me. Dr. Antônio Carvalho dos Santos Júnior.

JUAZEIRO, BA

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me fortalecer diante das dificuldades que surgiram ao longo da minha graduação. Houve momentos em que estive apenas eu e Ele. Agradeço à compreensão da minha filha Valentina, pelas diversas vezes em que precisei me abster de ser mãe. Sou grata aos meus pais, Jandira e Alberto, que são meu porto seguro; sempre que precisei, eles se colocaram à minha disposição. Quando pensei em desistir, foram eles que me encorajaram. Nada seria possível sem eles. Agradeço ao meu irmão Ryan, que durante toda essa trajetória foi meu conselheiro, tanto nos momentos bons quanto nos ruins. Obrigada, irmão! Espero ser seu exemplo. Agradeço aos meus amigos, que de muitas formas contribuíram, seja com conversas ou até mesmo emprestando os ouvidos para que eu pudesse encenar minhas apresentações. Agradeço aos meus professores do curso, Luzineide, Francisca e Antônio, meu orientador, que trouxeram seus ensinamentos, me desconstruíram e me fizeram enxergar por novos ângulos. Agradeço à UNEB e aos meus colegas de turma de PEDAGOGIA 2021.1, por somarem nos perrengues e fazer dessa jornada um pouco mais divertida, sempre que possível.

RESUMO: Este artigo aborda minha trajetória escolar em uma instituição rural nos anos iniciais (educação infantil e fundamental I) e como contribuiu para minha formação acadêmica. Trata-se de uma autobiografia de como se dava a educação na localidade de Jatobá, distrito de Juremal, Juazeiro-Bahia, descrevendo detalhes da forma como esse ensino se perpetuou em minha vida e esse processo identitário que hoje carrego. Aluna de escola pública, pertencente a uma comunidade rural, parda, sofrendo preconceito por ter o cabelo cacheado, filha única de um agricultor analfabeto e de uma dona de casa com ensino fundamental I incompleto. Morando em uma casa sem energia elétrica, muitas vezes fazendo as atividades de casa com a luz de candeeiro, pois o lampião era considerado artigo de luxo para nossa família. A pesquisa foi conduzida com base nas memórias da pesquisadora sobre seu tempo escolar, relacionando vivências, dificuldades e práticas no contexto da educação rural. Os resultados atenderam às expectativas propostas pela pesquisa, que se objetivou oferecer reflexões e sugestões para aprimorar o debate sobre a educação no campo.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia. Memórias. Vivências. Formação escolar.

SUMMARY: This article addresses my educational journey in a rural institution during the early years (early childhood and elementary education) and how it contributed to my academic formation. It is an autobiography of how education took place in the locality of Jatobá, in the district of Juremal, Juazeiro-Bahia, describing details of how this education has perpetuated in my life and the identity process that I carry today. I was a public school student, belonging to a rural community, mixed-race, facing prejudice for having curly hair, the only child of an illiterate farmer and a housewife with incomplete elementary education. I lived in a house without electricity, often doing household activities by lantern light, as the oil lamp was considered a luxury item for our family. The research was conducted based on the researcher's memories of her school time, relating experiences, difficulties, and practices in the context of rural education. The results met the expectations proposed by the research, which aimed to offer reflections and suggestions to enhance the debate on education in the countryside.

KEYWORDS: Autobiography. Memories. Experiences. School formation.

INTRODUÇÃO

Atualmente, existem diversos modos de realizar pesquisa em educação, sendo as (auto)biografias uma dessas possibilidades. Essas são caracterizadas pela escrita que narra a vida de um determinado indivíduo, com o objetivo de relatar ou testemunhar sua trajetória. Por meio delas, o leitor tem a oportunidade de conhecer o sujeito retratado a partir de suas vivências reais.

As (auto)biografias dialogam diretamente com as memórias do narrador. Os relatos podem ser construídos a partir de diferentes fontes, como testemunhos, entrevistas, diários íntimos, correspondências, histórias de vida, auto ficções, entrevistas midiáticas, romances, ensaios ou cadernos de notas.

A palavra "memória" tem origem no latim e significa reter ideias, imagens, momentos e lembranças. Trata-se de um fenômeno que se constrói a partir das experiências vivenciadas, interpretando o passado tanto de forma individual quanto coletiva. Essas memórias podem carregar diversos sentimentos, como afetividade, nostalgia, alegria, traumas e tristezas. Neste estudo, o foco recai sobre memórias marcadas por uma variedade desses sentimentos, retratando minhas vivências durante o período escolar em uma escola pública.

A educação pública brasileira, infelizmente, enfrenta inúmeras dificuldades, que se agravam conforme se analisa diferentes regiões do país. Em especial, a educação em territórios rurais costuma sofrer prejuízos significativos. Escolas localizadas fora das zonas urbanas frequentemente enfrentam o estigma de oferecer um ensino inferior em comparação às instituições situadas nas áreas da cidade.

Na prática, os desafios enfrentados por aqueles e aquelas que residem nessas áreas são concretos e envolvem situações precárias, como transporte escolar inadequado, professores com formação inadequada para as disciplinas que lecionam e infraestrutura escolar deficiente. De acordo com as divulgações anteriores do Censo Demográfico de 2022, aproximadamente 12,59% da população brasileira vive em áreas rurais (IBGE, 2024).

Esses indivíduos enfrentam maiores dificuldades em termos de recursos financeiros, escolaridade e frequência escolar quando comparados aos habitantes das zonas urbanas. Esses números evidenciam, na prática, o quanto essas regiões são desfavorecidas e negligenciadas pelos gestores públicos em todas as

esferas de governo. A ausência de políticas públicas eficazes para essas localidades expõe de forma clara o abandono por parte do poder público, colocando em risco o direito universal à educação.

Os altos índices de fracasso escolar nessas áreas confirmam as inúmeras barreiras que dificultam o acesso ao conhecimento em territórios rurais. Diante desse cenário, surge a necessidade de relatar como era a educação em território rural no município de Juazeiro, Bahia, no ano de 2001. Este relato foca na experiência vivenciada na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, no povoado de Poções, Distrito de Juremal.

Na época, eu residia em uma fazenda a sete quilômetros da escola, e os estudantes enfrentavam inúmeras dificuldades, principalmente relacionadas ao transporte, à infraestrutura escolar e à qualidade do ensino. A ida à escola era exaustiva, agravada pelas condições precárias do transporte escolar. Os veículos frequentemente excediam a capacidade de passageiros, transportavam portas amarradas, transitavam em alta velocidade e não ofereciam nenhum conforto ou segurança. — o que ocorria com frequência devido às condições dos veículos — o tempo de retorno às residências tornava-se ainda mais demorado, ampliando o desgaste dos estudantes e de suas famílias.

As turmas seguiam o modelo de classes multisseriadas, reunindo alunos de diferentes anos escolares na mesma sala, como o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Esse modelo incluía estudantes de idades variadas, muitas vezes avançadas para a série em que estavam matriculados. Essa configuração gerava dificuldades significativas, pois os alunos precisavam disputar a atenção da professora, o que comprometia o processo de aprendizagem. Além disso, não havia salas de aula fixas; as aulas eram realizadas em locais improvisados, como igrejas e galpões, que apresentavam sérios problemas de infraestrutura.

Portanto, é fundamental destacar a importância de discutir regiões a educação nas áreas rurais. Esses confrontos específicos educacionais, e este relato de experiência visa contribuir oferecendo reflexões e sugestões para aprimorar o debate sobre a educação no campo, partindo da realidade vivida pelos estudantes locais, que são apresentados aqui. Além disso, busca-se demonstrar a necessidade de um olhar mais atento das autoridades para a educação rural deve ser oferecida de forma igualitária a todos os cidadãos, como é garantido pela Constituição Brasileira.

Esta pesquisa traz uma perspectiva de quem vivenciou as dificuldades enfrentadas pelos alunos e alunas do campo e propõe reflexões tanto para os estudantes quanto para as universidades que buscam melhorar a qualidade do ensino no semiárido. Como observa Edmerson dos Santos Reis (2009, p. 37), “As regiões do semiárido brasileiro estão apresentando os piores indicadores educacionais, onde a ‘política das vistas grossas’ prevaleceu, contribuindo para os índices negativos nessas localidades.”

Muitos moradores dessas áreas não têm acesso à informação sobre seus direitos. No entanto, também cabe aos educadores, educadores e estudantes questionarem essa realidade. postura crítica, buscando soluções para melhorar a qualidade do ensino e estimular um pensamento reflexivo.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender as dificuldades do cotidiano de uma escola rural. Os objetivos específicos foram divididos em três pontos: relatar a experiência do autor ao estudar em uma escola rural, descrever o processo formativo escolar e identificar as possibilidades formativas na escola rural. A pesquisa foi guiada pela seguinte pergunta norteadora: quais são as contribuições que a Escola Durval Barbosa da Cunha trouxe para minha formação?

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta autobiografia, utilizou-se uma abordagem qualitativa, centrada na reflexão crítica do relato de experiência, com o objetivo de propor discussões sobre a educação na zona rural, bem como sobre minhas experiências pessoais e trajetória de vida. A pesquisa é de caráter exploratório, utilizando revisão bibliográfica e destacando aspectos relacionados ao acesso à instituição escolar, transporte, estrutura da escola e seu funcionamento em geral.

Neste caso, o foco está na qualidade do ensino nas regiões rurais, avaliado a partir da coleta de informações de caráter subjetivo, descritas por meio de palavras. Esse método busca explorar comportamentos, ideias, pontos de vista e outras dimensões, valorizando a subjetividade e a individualidade.

Assim, possibilita a construção de uma narrativa única sobre o mundo e o contexto em que o indivíduo está inserido, permitindo que o sujeito narre sua história, revelando-se para o mundo. Nesse processo, as memórias, percepções e interações com o meio são integradas, possibilitando uma análise reflexiva e

crítica sobre as vivências (Larrosa, 2014).

Essa abordagem conecta experiências pessoais a fatores sociais, históricos e culturais mais amplos, com base em memórias vividas enquanto estudante de uma escola rural localizada na Fazenda Jatobá, distrito de Juremal, em Juazeiro, Bahia. Essa região é considerada de difícil acesso, o que agrava os desafios educacionais enfrentados.

A metodologia autobiográfica permite uma abordagem subjetiva e qualitativa, valorizando o ponto de vista individual e histórico do sujeito. Diferente de metodologias quantitativas, ela foca na densidade e complexidade das interações pessoais, proporcionando uma leitura rica e interpretativa da realidade (Santos; Garms, ano). Além de narrar sua história, o pesquisador desconstrói e reconstrói criticamente suas experiências. Esse processo envolve a análise de eventos marcantes, sentimentos e percepções, proporcionando uma reflexão contínua sobre o passado e o presente.

Fortuna (2015) defende a integração entre teoria e prática na educação em Freire, onde a necessidade de análises críticas sobre problemas complexos, destacando a interação entre teoria e prática como essencial para a obtenção de resultados significativos. Essa perspectiva é crucial para abordar questões como o direito dos menos favorecidos, que muitas vezes não são plenamente usufruídos, como ocorre no caso da educação do campo, marcada por inúmeras dificuldades estruturais e sociais.

As narrativas construídas nesta pesquisa partem de momentos significativos na vida da autora, ressignificados ao longo da investigação para gerar novas compreensões e aprendizagens. A coleta de dados foi realizada por meio de documentos pessoais, como diários, fotos e outros registros que oferecem um olhar detalhado sobre a vida do pesquisador (Bomdia, 2002). Ao revisitar essas memórias, busco compreender como elas moldaram minha visão de mundo com relação ao meio em que cresci. Essa análise permitiu uma reflexão profunda sobre as interações com o contexto social, histórico e cultural, destacando a relevância das vivências individuais na construção do conhecimento.

Assim, a pesquisa valoriza a singularidade das experiências pessoais do sujeito, integrando-as a uma análise crítica e fundamentada. A autobiografia não apenas narra histórias, mas também amplia a compreensão das relações entre o

indivíduo e a coletividade, contribuindo para o debate sobre as dinâmicas educacionais e os desafios enfrentados nas escolas rurais.

EDUCAÇÃO RURAL E EDUCAÇÃO DO CAMPO: Distinções conceituais e práticas educativas

A **Educação Rural** é historicamente padronizada, baseada no modelo urbano, desconsiderando as particularidades culturais e sociais das comunidades rurais, com foco na formação de mão de obra para atender demandas urbanas, sendo articulada para suprir as necessidades das escolas localizadas em áreas rurais. Já a **Educação do Campo** adota uma perspectiva crítica, valorizando os saberes tradicionais, práticas comunitárias e a conexão com a terra, promovendo autonomia e fortalecendo a identidade rural, alinhando o ensino à realidade local. Essa educação tem como objetivo a formação crítica e de cidadãos participantes no meio em que vivem tudo isso, respeitando a diversidade cultural contribuindo para um desenvolvimento sustentável das comunidades do campo. (Santos, 2010)

A Educação do campo representa, dessa forma, um avanço no entendimento das necessidades e potencialidades da população rurais. Surge ai a importância de pertencer a uma escola contextualizada, de acordo com Campos (2013, p .84) "O conhecimento e a educação não são neutros como muitas vezes alguns os apresentam. Elas estão em correlação e a serviço da visão de mundo e da sociedade que se quer construir". Contextualizar leva sentido para essa educação, despertando esse conhecimento de mundo que só tem a agregar na vida de um estudante que vem de uma realidade de tantas lutas.

INDO PRA ESCOLA E ENCONTRANDO PRECARIIDADES

Nasci em 10 de abril de 1996, no município de Juazeiro, na região norte da Bahia, uma área rica em cultura, economia e recursos naturais, situada em

uma zona semiárida. Esta região apresenta uma diversidade de paisagens, com a variação entre áreas próximas ao rio e locais mais secos e desérticos.

Durante a infância, morei na Fazenda Jatobá, que, embora não estivesse localizada à margem do rio, ficava a sete quilômetros da comunidade de Poções e a 27 quilômetros do distrito de Juremal, em Juazeiro. Em Poções, estava situada a Escola Durval Barbosa da Cunha, onde estudei, e que ainda está em funcionamento até os dias atuais.

No século XIX, o Brasil deu início ao pensar na educação em comunidades rurais, essas preocupações geraram tensões que acabaram despertando movimentos de educação popular, nesse século também surgiram as primeiras escolas estruturadas do campo, com algumas limitações e muitas vezes vinculadas a projetos de desenvolvimento econômico. Com tudo, no século XX, algumas reformas educacionais saíram do papel, dando protagonismo a educação como direito e como oportunidade para o desenvolvimento social (Viero; Medeiros, 2018). Ainda no século XIX, com a proclamação da independência e a após a abolição da escravidão, o Brasil começou a pensar em um modelo educacional mais inclusivo.

Ainda assim, a educação rural ficou em segundo plano e muitas vezes, vinculada a interesses econômicos, observando que a educação rural passou a ser cada vez mais voltada para a preparação de mão de obra em atividades agrícolas, de forma a sustentar a economia colonial. Entretanto foi só no início do século XX que o Estado passou a considerar a educação como uma ferramenta de desenvolvimento social e econômico nas áreas rurais e foi nessa

época que surgiram as primeiras escolas rurais.

Iniciei minha vida escolar em 2001, matriculada na Pré-escola (Prezinho), aos cinco anos de idade. Acordava às 05:30h da manhã para embarcar às 06:15h, enfrentando um percurso repleto de paradas, com o ônibus entrando em outras localidades, o que tornava a viagem ainda mais demorada. Chegava à escola por volta das 07:30h. Lembro-me de como tudo era novidade, e como a curiosidade da "menina da roça" era grande. As idas ao banheiro eram momentos em que eu podia observar mais de perto a estrutura da escola. As paredes do muro eram baixas, permitindo avistar a rua, além da mercearia na esquina, aonde eu alegremente ia todos os dias, ao final da aula, para pegar guloseimas em nome

do meu pai.

A educação do campo antes de existir de forma estruturada como se encontra atualmente, já existia em sua prática, caracterizada como educação voltada para as localidades rurais que durante o perpasso do tempo evoluiu constituindo-se pelo enfrentamento de diversas dificuldades. As primeiras iniciativas de educação para as populações rurais no Brasil surgiram com os jesuítas, que tinham a ideia de catequização dos povos indígenas. Portanto, esse modelo de educação era mais focado na doutrinação religiosa. Com isso, a trajetória da educação no campo no Brasil começa desde o período colonial, onde a educação teve um viés predominantemente voltado para a formação de uma elite urbana, o que levava a desconsiderar as necessidades e especificidades do campo. (Viero; Muller, 2018).

Desde o período pré-colonial, os povos indígenas e as comunidades tradicionais praticavam ensinamentos e saberes locais que atravessavam gerações, adaptados às realidades de seus contextos. Com a chegada dos colonizadores, essa riqueza oral e prática começaram a ser suprimida, cedendo espaço a uma educação voltada para a formação de trabalhadores para agricultura e exploração. Frei Vicente (1627), historiador e frade capuchinho, retratou essa transformação e a tensão entre as interações sociais da época e a necessidade de considerar as peculiaridades dos povos locais.

Décadas mais tarde, na minha infância, mesmo distantes desse contexto histórico, ainda tínhamos uma relação muito próxima com as práticas educacionais do nosso tempo. Lembro-me do cheiro do álcool das atividades xerocopiadas no mimeógrafo, que era motivo de disputa na sala de aula. Todos queriam ser escolhidos para buscar os papéis na secretaria. Quando o professor Adalto me selecionava, eu corria para a porta da sala de impressão, fascinada com aquele processo, e até levava o papel carbono para casa, onde passava horas brincando de fazer cópias. Era algo simples, mas para nós, alunos, aquilo era grandioso. Valorizávamos cada folha, com seus borrões e cheiro característico, como um símbolo de um avanço que nos conectava com uma educação mais moderna do que a vivida por nossos pais.

Na escola, as brincadeiras dominavam o recreio. Todos, no mesmo horário de intervalo, aproveitavam o que a comunidade oferecia: uma quadra, que geralmente os meninos não permitiam que as meninas usassem, e uma

construção abandonada na época, que estava prevista para ser transformada em futuras salas de aula. As brincadeiras eram diversas, como esconde-esconde, polícia e ladrão, cirandas, entre outras. Por ser uma comunidade rural, havia muitos animais, que naturalmente atraíam nossa atenção e se tornavam parte das brincadeiras. Os pássaros, por exemplo, nos chamavam a atenção, e muitas vezes mexíamos em seus ninhos. Além disso, explorávamos a natureza em busca de lagartixas, vespeiros, colmeias e outros animais.

A diversidade de ideias, criatividade e travessuras que vivenciávamos era bem diferente do que vemos hoje em dia. Não tínhamos celulares ou qualquer outra tela, e, na comunidade, o acesso à internet era inexistente. Isso nos proporcionava uma sensação de liberdade. Éramos crianças com muita imaginação e, muitas vezes, sem a necessidade de vigilância constante dos adultos, o que tornava tudo ainda mais autêntico.

Um dos caminhos mais promissores é o uso da tecnologia para superar as barreiras geográficas, sendo causadora também da dificuldade de acesso dos alunos e de profissionais. Projetos de EAD (educação a distância) podem estar aliados ao uso de tecnologias digitais para expandir o acesso ao conhecimento nessas áreas rurais de difícil acesso, são algumas soluções palpáveis, a fim de melhorar a educação no campo na atualidade. Além disso, é fundamental que os currículos das escolas do campo reflitam as realidades locais e promovam uma educação contextualizada, que integre o conhecimento acadêmico com os saberes comunitários.

Precisei repetir a pré-escola por não ter idade suficiente para ingressar na 1ª série do Ensino Fundamental I. Lembro que aquele prédio só comportava a turma da pré-escola, sendo a única sala de aula em funcionamento. As demais turmas estavam espalhadas por diversos prédios da comunidade. O fato de existirem séries multisseriadas na instituição facilitava esse processo de adaptação, já que a estrutura da escola era precária.

Após essa repetência, minha turma do 1º ano foi remanejada para assistir às aulas na igreja católica. Foram dois anos difíceis. A igreja não tinha uma estrutura confortável: era grandes demais, com eco, ninhos de pássaros e morcegos voando por lá. O bebedouro de água ficava no prédio principal da escola, o que exigia que nos deslocássemos sempre que precisávamos beber água.

As etapas seguintes do ensino, 3º e 4º anos, aconteceram no mercado da comunidade, onde as condições pioraram ainda mais. Não havia banheiro, então, sempre que precisávamos ir ao banheiro, era necessário nos deslocarmos até a escola. Na nossa sala de aula, havia um filtro de barro, ninhos de passarinhos e as salas estavam sempre lotadas. Apesar dessas dificuldades, aproveitávamos ao máximo o ensino, já que, na época, não havia distrações para tirar o foco do que era apresentado em sala.

Atualmente já existe um reconhecimento nacional da educação em áreas rurais, como garante o PNE (Plano Nacional de Educação) (Silva; Ferreira, 2022). Esse plano de diretrizes e ações foram elaborados pelo governo, a fim de melhorar a educação em nosso país em todos os níveis e regiões. Essa aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) foi um marco importante na educação do campo, que, entre suas metas, inclui o fortalecimento da educação no campo. Esse plano visa assegurar que as particularidades da vida rural sejam consideradas na elaboração de currículos, na formação de professores e na distribuição de recursos para as escolas rurais. No entanto, a implementação dessas políticas ainda enfrenta desafios significantes, como a dificuldade em atrair e manter professores e a ausência de infraestrutura adequada nas escolas rurais.

É recorrente nas regiões rurais nos depararmos com conflitos que tem como protagonistas agricultores capitalistas e agricultores camponeses, essas condições parecem não ter fim e é com isso que surge um dos movimentos mais resistente brasileiro, o MST (Movimento dos Sem Terra), esse movimento tem como base a educação, acredita-se que por meio dela, temos possibilidade de avanço. A partir de 1990 a Educação do Campo começou a se consolidar e ter políticas públicas colaborativas, movimentos como o MST deram visibilidade a essa educação que se apresenta como uma forma de promover a cidadania e a emancipação dentro do movimento e nas áreas rurais. Essa perspectiva não se configura apenas teoria, mas existe uma prática com sujeitos ativos socialmente que lutam por direitos e políticas públicas voltadas para essa modalidade de ensino em regiões rurais.

Percebe-se a desatenção dos governantes e a exclusão da população rural, que sofre com a ausência de políticas públicas. A reforma agrária é um tema

amplamente debatido nas Escolas do Campo, que propõe uma nova distribuição das terras improdutivas do país. Essa discussão é uma meta para diversos movimentos, fortalecida pela educação, que oferece a oportunidade de conhecer a cultura rural e os desafios enfrentados por essa população. O objetivo é garantir o protagonismo daqueles que, muitas vezes, foram colocados em uma posição de "desvantagem".

A minha sala na escola era multisseriada, por esse motivo o conteúdo era dividido entre as duas turmas. O tempo, no entanto, não era o ideal, pois havia muitas dúvidas para pouco tempo, mas sempre procurávamos aproveitar as oportunidades. Nesse período, comecei a me destacar em sala, sendo considerada uma boa aluna e recebendo elogios constantes.

O modelo de ensino que hoje chamamos de multisseriada surgiu ainda no período imperial, após a expulsão dos jesuítas. Os jesuítas eram responsáveis pela educação brasileira na época colonial e foi o primeiro modelo educacional implementado no Brasil que tinha como objetivo evangelizar e catequizar de acordo com a fé cristã, a fim de propagar valores e princípios cristãos. O modelo de ensino permaneceu no Brasil até 1759, quando os padres da Companhia de Jesus foram expulsos do Brasil. Dessa forma surge a educação isolada que hoje denominamos de classes/salas multisseriadas (Conceição; Pereira; Lobato, 2024).

As classes multisseriadas são implementadas e ofertadas para as classes privilegiadas, as elites latifundiária, ou seja, os filhos dos donos de terra e conseqüentemente dos seus funcionários e foram influenciadas pelo modelo de ensino Aulas Régias aulas avulsas, isoladas, ofertavam apenas às primeiras letras (latim, grego, filosofia, geografia, gramática, retórica, matemática) e eram organizadas de acordo com o que os alunos gostariam de aprender. Em 1824 surge a primeira Constituição brasileira e a necessidade de criar um sistema nacional com o intuito de garantir a todos o acesso à educação, Art. 179 "instrução primária é gratuita para todos os cidadãos", instituindo assim a Lei de 15 de outubro de 1827, que determinava a criação das "Escolas de Primeiras Letras" em que os professores deveriam ensinar: ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quadrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, os princípios da moral cristã (Saviani, 2008, p. 126- 127).

Apesar de perpassar por diversas modificações, o ensino multisseriado ainda estão presentes nas práticas em áreas rurais, localizando-se no interior dos municípios, sendo caracterizados por possuir crianças de várias idades, alunos de duas ou mais séries (anos), em uma mesma sala de aula e ministradas pelo mesmo professor com o objetivo de aprendizado. As turmas multisseriadas são mais comuns na educação infantil (creche e pré-escola) ou nos anos iniciais do ensino fundamental.

O ensino multisseriado sofre um déficit de informação por ser um assunto pouco discutido e trabalhado, pouco se sabe sobre as práticas escolares desenvolvidas pelo modelo de ensino, o modelo é visto de forma negativa e considerado um modelo de pouca eficiência, além de ser uma segunda opção no currículo pedagógico, não existe formação específica que supre as necessidades dos profissionais que atendem o modelo de ensino. Dessa forma o modelo de ensino surgiu para suprir algumas necessidades do sistema de ensino local, alguns fatores como a grande demanda de alunos para poucos professores, evasão de alunos, ausência de professores, trazendo desafios que os educadores enfrentam dentro de uma sala multisseriada, como a formação continuada, metodologias de ensino e estrutura física.

O professor de turmas multisseriadas precisa lidar com os diferentes níveis de aprendizado, a diversidade de maturidade, planejamento de aula complexo e completo que abordem conteúdos de diferentes séries ao mesmo tempo, falta de recursos pedagógicos, tecnológicos e materiais didáticos adequados para que ele desenvolva um trabalho resultados mais específicos, tempo de aula dividido entre diferentes séries e ao mesmo tempo garantir que todos os alunos recebam a atenção necessária. Com tudo isso o professor precisa estar ciente dos processos de aprendizagem de cada um, buscando estratégias e adaptando o currículo e atividades que atendam às necessidades de cada aluno e selecionar que possam ser trabalhadas em conjunto.

Apesar das problemáticas envolvendo as classes multisseriadas necessitamos, desmistificada e conhecer os benefícios que o modelo também apresenta, umas das mais importantes praticas abordadas na modalidade multisseriadas é que ao trabalhar seguindo a educação do campo também traz a valorização dos conhecimentos sociais e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim como lugar da

construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento Sustentável (Silva, 2011.p.312).

Nesse sentido o professor consegue ter um controle individual de cada um para atender às necessidades de aprendizado de cada aluno, criando um ambiente diversificado facilitando e incentivando a troca de informações e conhecimento entre os estudantes, aproveitando os diferentes níveis de conhecimento promovendo uma aprendizagem mais ativa, contextualizada e colaborativa.

Em casa, minha mãe, com a pouca leitura que possuía, não tinha tempo para me ajudar com as atividades escolares, pois estavam ocupadas com a plantação, os animais e os cuidados com minha avó Naninha (em memória), que estava doente na época. Todas as dúvidas eram resolvidas na sala de aula e, ao chegar em casa, tentava resolver as atividades propostas com muito esforço, sempre obtendo êxito.

Naquela época, também comecei a enfrentar preconceitos devido aos meus cabelos cacheados. Sofria com apelidos maldosos, como "cabelo de Bombril" e "cabelo de bucha". Essas provocações me deixavam triste e, como consequência, surgia um processo de crise de identidade, um fenômeno psicológico que ocorre quando a pessoa se sente perdida, confusa e incapaz de definir quem realmente é. Esse pode ser um momento de autoconhecimento, mas também pode ser doloroso, frustrante e cansativo. Esse sofrimento me gerou, um grande desejo de sair daquele lugar e alisar o cabelo, tentando esquecer todas as situações de constrangimento às quais fui exposta.

À medida que avancei nos estudos, precisei mudar de escola, e as dificuldades aumentaram. A nova instituição, que oferecia o ensino fundamental I, ficava no distrito de Abóbora, também no município de Juazeiro, porém bem mais distante de casa. Foi nesse novo ambiente que o bullying, termo que se refere a agressões e intimidações sistemáticas, físicas ou psicológicas, se tornou cada vez mais frequente. Como uma menina do campo, morando em uma casa sem televisão, sem água encanada, sem celular, internet e com vestimentas humildes, muitas vezes de doações, e com cabelos cacheados, eu não compreendia a minha identidade como pessoa do campo. Por muitos anos, esses estereótipos de inferioridade me acompanharam, gerando um sentimento de não pertencimento, e o desejo de sair daquele lugar onde cresci para viver na cidade.

Quando emergimos na contextualização da Escolado

Campo direcionamos o foco pra uma educação que valoriza os saberes locais, equilibrando o conhecimento curricular da escola com o conhecimento social que cada indivíduo carrega consigo, baseados em vivências e ensinamentos, que nos faz pertencentes a uma determinada comunidade. Essas instituições buscam a valorização da trajetória de cada indivíduo, ignorando um saber absoluto e valorizando as particularidades culturais e linguísticas das populações rurais. Os saberes agrícolas e a relação com a terra são exemplos das práticas que fortalecem o vínculo entre comunidade e escola, essa modalidade de ensino vem com intuito de interligar a teoria com a prática, dialogando com a realidade dessas regiões.

Na Escola Rural percebemos um currículo uniforme, tradicional e semelhante das escolas urbanas com as mesmas práticas pedagógicas e avaliações, um ensino padronizado e que não leva em consideração a realidade vivenciada no cotidiano, ignorando as especificidades da vida rural, sendo considerada uma extensão da educação urbana. Já a Escola do Campo busca uma contextualização com a realidade vivenciada, considerando lutas, saberes e promovendo uma educação emancipatória.

Essas localidades se revelam além do termo território de uma demarcação territorial, existem características que distinguem essas comunidades dos habitantes dos centros urbanos, dentro dessa divisão geográfica, possuem povos que tem características próprias. Na escola do campo essa identidade é valorizada com intuito de fortalecimento dos saberes e cultura local.

Outro ponto importante é a valorização dos professores que atuam nas áreas rurais. Para isso, é necessário oferecer incentivos que estimulem a permanência desses professores no campo e garantir formação continuada e adequada para esses profissionais, além da criação de programas de capacitação específicos para a realidade rural, que pode contribuir significativamente para a qualidade da educação nessas regiões, pois os educadores terão mais noção da vivência rural que é diferente da realidade urbana. Foi só ao entrar na universidade que comecei a entender o valor da trajetória sobre a minha identidade. Com o tempo, percebi como minha formação contribuiu para meu desenvolvimento como indivíduo e para a construção de um olhar coletivo, além das paredes da sala de aula. Aprendi a aceitar as especificidades que cada

um carrega de sua formação cultural, valorizando saberes local e compreendendo que todos têm algo importante a oferecer, independentemente de sua origem.

SOBRE O DESEJO DE SAIR DO CAMPO

*O desejo de partir, Como dói sonhar no campo, Plantar saber em terra árida,
Onde a colheita, muitas vezes, é ingrata. Junto às dificuldades, vinha a vontade,
De ir além, de buscar a liberdade, Sair de um mundo sem opções, Onde o medo
se transformava em aflições. Eu era
criança, queria a cidade, As luzes, a agitação, a modernidade, O som da escola
me dava esperança, De encontrar na cidade minha aliança. O pôr do sol atrás das
árvores pensava: "O que há
além? O que me esperava?". O campo, muitas vezes, não me abraçou, E com a
vida dura, me desgostou. A
vida é difícil, não há como negar, E muitas vezes nos forçam a mudar, De um
lugar onde deveríamos ficar, Mas que
nos obriga a procurar. Buscando algo além, um novo caminho, Onde o futuro se
abre em luz e carinho,
Na cidade, quem sabe, eu encontraria. A liberdade e a chance de ser quem eu
queria.*

Eu nasci e cresci na roça, em um ambiente onde a vida se sustentava pelo trabalho árduo na agricultura. Meus pais garantiam o sustento da casa de diversas formas, como funcionários para aqueles que tinham melhores condições financeiras na comunidade. Plantávamos na época da chuva para garantir alimento durante o ano todo.

Uma das lembranças mais marcantes da minha infância está ligada à colheita do umbu, especialmente no que se refere à minha trajetória formativa. Meus pais sempre me levavam para catar o umbu, e todos os anos eu juntava o dinheiro arrecadado com a venda desse fruto típico da caatinga. Com esse recurso, comprava meu material escolar. Era um esforço grande, mas, com sacrifício, sempre conseguíamos garantir o básico necessário para o acesso à escola.

As atividades agrícolas eram realizadas por todos os membros da família, independentemente de gênero ou idade. O sol escaldante, enquanto descíamos o serrote, fazia com que eu valorizasse ainda mais os momentos de descanso. Havia muito esforço envolvido na colheita do umbu, e no final do trabalho, ainda tínhamos que carregá-los até a estrada, onde o transporte passava para recolher.

Minha mãe, sempre conversando comigo desde pequena, dizia o quanto

queria que eu mudasse de vida e fosse além daquela realidade. Sonhava em ter uma filha professora. Para ela e para meu pai, todo esforço era válido para que sua única filha superasse os limites que eles mesmos enfrentaram e fosse além do analfabetismo.

Durante as férias escolares, eu vinha para a cidade, normalmente duas vezes por ano. Com apenas seis anos, já percebia as diferenças entre a escola da cidade e a do campo. As crianças daqui tinham parque no pátio, lanchavam cachorro-quente, as salas eram climatizadas e bem forradas. Isso me fazia desejar sair do campo. A cidade já era fascinante: os carros, as possibilidades de comida, e, por mais simples que pareça, beber uma água geladinha era a melhor coisa que existia. Dormir com o ventilador ligado, tomar banho com água quente, ter uma lâmpada iluminando tudo... Eu sonhava com essas "regalias". Infelizmente, vivendo na roça naquela época, não havia como desfrutar desses serviços.

A população rural brasileira habita zonas de baixa densidade populacional, situadas fora do perímetro urbano e destinadas predominantemente a atividades agropecuárias ou outras formas de exploração econômica. Essas áreas podem incluir pequenos núcleos urbanizados e fragmentos de ambientes naturais (IBGE, 2023).

Na esquina da casa de minha tia, onde eu ficava quando vinha para a cidade, havia uma escola. Eu passava horas ouvindo o barulho das aulas e isso despertava em mim o desejo de pertencer àquele ambiente. Eu gostava da roça e me sentia parte do campo, mas também sabia que na cidade a vida parecia ser mais "fácil". No campo, eu teria que desistir de continuar meus estudos ao chegar no ensino médio, pois meu pai sempre dizia que "filha dele não estudava à noite". Essa frase me aterrorizava. Eu não queria abandonar a escola, mas o ensino médio só era oferecido no período noturno, o que não era viável para mim. Desde criança, essa era uma preocupação constante. Eu acreditava na fala dele, pois sabia que a oferta de educação naquela modalidade era muito precária. Não via uma alternativa a não ser me despedir de meus pais e deixar o conforto familiar. Isso aconteceu quando eu tinha treze anos. Eu sonhava em ir além e, para isso, sabia que precisava me desprender e "voar".

Essa saída não foi fácil, mas naquele momento se tornou necessária. Deixar aquele ambiente e me lançar no desconhecido me assustavam. A ideia de

como seria minha vida na cidade pairava sobre mim. Uma menina de treze anos, parda, com cabelos cacheados, vestida com roupas de doação, tímida, sem saber como me comportar diante das "pessoas da cidade". Tudo o que me fazia parecer "da roça" no novo ambiente só me deixava mais desconfortável. Por dois anos, eu me senti deslocada, até conseguir acompanhar o ritmo do grupo social com o qual passei a interagir. Foi uma fase triste, mas, aos poucos, deixei isso para trás, especialmente quando cheguei ao Ensino Médio, e com o tempo, o sentimento de pertencimento passou a surgir, principalmente na universidade.

A realidade no campo, baseada na minha experiência, não foi fácil. Chegou um momento em que aquele lugar não me deixava outra opção senão sair. Na região onde eu morava, o Ensino Médio ainda não era oferecido no período da manhã/tarde, apenas à noite, e a escola ficava muito distante de nossa comunidade, tornando esse tipo de ensino inviável para muitos adolescentes, especialmente para as mulheres de famílias tradicionais. Além disso, havia questões de motivação. Hoje, como pedagoga, tenho uma visão diferente sobre a vida no campo, mas na época, me questionava: "Por que estudar naquele lugar?". Não conseguia visualizar profissões que eu poderia exercer, pois não havia infraestrutura para o ensino formal. Por isso, era comum que os jovens da localidade tivessem como principal incentivo a ideia de "ir além" daquela realidade.

A Escola do Campo não tem objetivo de ser idênticas as escolas da cidade, ela busca romper com essa visão uniforme e padronizada, promovendo uma educação que valorize os saberes locais e a cultura do campo. Ao invés de se contentar em ser uma extensão das escolas urbanas, a Escola do Campo tem o objetivo de proporcionar uma educação que promova a autonomia, o senso crítico e o fortalecimento da identidade cultural dessas comunidades. As práticas pedagógicas nas escolas do campo procuram integrar o conhecimento formal, ensinado nas salas de aula, porém associando com os saberes tradicionais das populações rurais, como por exemplo, o manejo da terra, as práticas agrícolas sustentáveis, as relações comunitárias e os costumes da comunidade rural. Para garantir a continuidade e o fortalecimento da educação no campo, a proposta é investir em políticas públicas que contemplem as especificidades dessas regiões e manter esse investimento.

Em suma, vemos que a Educação Rural tem sido tradicionalmente uma extensão da educação urbana, com currículos e práticas pedagógicas

padronizadas, sem levar em consideração as especificidades das populações e territórios rurais. Ela historicamente visava preparar mão de obra para o setor agrícola, focando em atender às demandas econômicas das áreas urbanas. Não existia uma preocupação com as particularidades culturais, sociais ou a valorização dos saberes locais das comunidades rurais, resultando em uma educação que muitas vezes ignorava a realidade dessas populações.

Por outro lado, a Educação do Campo surge com uma perspectiva crítica e emancipatória, buscando contextualizar o ensino com a vivência e cultura dos povos que vivem no campo. Ela valoriza os saberes tradicionais, as práticas comunitárias e o vínculo com a terra, promovendo a autonomia e o fortalecimento da identidade rural. A Educação do Campo não se propõe a ser uma extensão da educação urbana, mas sim um modelo que dialogue com a realidade local, buscando transformar a educação em um instrumento de emancipação social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi compreender as dificuldades enfrentadas no cotidiano de uma escola rural, a partir dos relatos baseados em minhas memória e vivência escolar, em um ambiente rural. A investigação teve como base nas minhas lembranças e o uso de referenciais teóricos sobre educação rural, educação do campo e classes multisseriadas, modelos de ensino abordados neste estudo.

O objetivo geral foi compreender os desafios cotidianos enfrentados em uma escola rural, enquanto os objetivos específicos incluíram relatar a experiência vivenciada pela autora em uma escola rural, descrevendo o processo formativo escolar, e identificar as possibilidades formativas nesse contexto. As dificuldades no cotidiano escolar foram identificadas tanto por meio das memórias descritas pela autora quanto pelos conteúdos teóricos analisados e referenciados neste artigo.

A pesquisa foi estruturada em torno da problemática: quais foram as contribuições da Escola Durval Barbosa da Cunha para a formação acadêmica da

autora? Ao final da investigação, constatou-se que as dificuldades apresentadas no estudo estão associadas à falta de um olhar político comprometido com a promoção de uma educação igualitária para os alunos do campo. Apesar das adversidades enfrentadas durante o período escolar, a autora expressa gratidão pelo avanço histórico e familiar alcançado, superando expectativas e barreiras impostas por suas condições financeiras e estruturais.

Além disso, foi possível constatar a necessidade de incluir uma formação continuada ou específica para professores que atuam em escolas rurais. Essa formação surge como uma solução para as dificuldades relatadas, como a falta de preparo dos docentes para trabalhar em ambientes com recursos limitados e realidades distintas. Também se destacou a importância de incorporar ao currículo escolar conteúdos que abordem as vivências e singularidades dos alunos do campo, ampliando a discussão dessa temática na academia.

A pesquisa foi conduzida com base nas memórias da pesquisadora sobre seu tempo escolar, relacionando vivências, dificuldades e práticas no contexto da educação rural. Os resultados atenderam às expectativas propostas pela pesquisa, oferecendo reflexões e sugestões para aprimorar o debate sobre a educação no campo.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28; p. 168- 169, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CAMPOS, Carlos Humberto; BAPTISTA, Naidson de Quintela. Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido. In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar (org.). Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social. Brasília: FAURGS, 2013. Disponível em: http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/mostrar_bib.php?COD_ARQUIVO=1777
3. Acesso em: 27 dez. 2024.

CARVALHO, Simone Ribeiro. Memória afetiva e fonte de informação: um estudo de caso das narrativas musicais de Teixeira. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Graduação em Biblioteconomia.

CONCEIÇÃO, Ester Marques da; PEREIRA, Rosenildo da Costa; LOBATO, Vivian da Silva. Organização escolar multisseriada: uma análise historiográfica da educação brasileira. Revista Educação Popular, Uberlândia, Edição Especial, p. 281- 299, out. 2024.

DOURADO, Luzineide Carvalho. Educação e convivência com o semiárido. Juazeiro: UNEB, 2013.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.).
Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.
Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.

FERRI, Cássia. Classes multisseriadas: que espaço escolar é esse?
Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação (Mestrado)

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire.
REBES - Revista Brasileira de Ensino Superior, v. 1, n. 2, p. 64-72, out.-dez.
2015. ISSN 2447-3944.

HAGE, Salomão Mufarrej. A realidade das escolas multisseriadas frente às
conquistas na legislação educacional. In: ANPED – Associação Nacional de Pós-
graduação e Pesquisa em Educação, 13., 2004, Caxambu. Anais [...].

IBGE. Censo 2022: mais da metade da população indígena vive
nas cidades. Agência IBGE de Notícias, 2024. Disponível
em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42277-censo-2022-mais-da-metade-da-populacao-indigena-vive-nas-cidades#:~:text=As%20divulga%C3%A7%C3%B5es%20anteriores%20do%20Censo,total\)%20residiam%20em%20%C3%A1reas%20rurais](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42277-censo-2022-mais-da-metade-da-populacao-indigena-vive-nas-cidades#:~:text=As%20divulga%C3%A7%C3%B5es%20anteriores%20do%20Censo,total)%20residiam%20em%20%C3%A1reas%20rurais.). Acesso em: 26 dez. 2024.

IBGE. Proposta metodológica para classificação dos espaços do rural, do urbano e da natureza no Brasil. 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102019.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2024

REIS, Edmerson dos Santos. A contextualização dos conhecimentos e saberes escolares nos processos de reorientação curricular das escolas do campo. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador,

2009. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11744/1/Tese%20Edmerson%20Reisseg.pdf>.
Acesso em: 26 dez. 2024.

SANTOS, Hellen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. Presidente Prudente: UNESP – FCT

SANTOS, Janio Ribeiro dos. Da educação rural à educação do campo: um enfoque sobre as classes multisseriadas. In: IV colóquio internacional educação e contemporaneidade, 2010. ISSN 1982-3657.

SILVA, Cláudia Roberta Rosa da; FERREIRA, Valdivina Alves. A educação no e do campo nos planos nacionais de educação – 2001 e 2014. Revista Sapiencia: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, v. 11, n. 01, p. 178, 2022.

SILVA, Maria do Socorro. Educação básica do campo: organização pedagógica das escolas do meio rural. Movimentos sociais, Estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisas e práticas educativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

VIERO, Janisse; MÜLLER MEDEIROS, Liziany. Princípios e concepções da educação do campo. 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/519641181/VIERO-2018-Principio-e-Concepcoes-Da-Educacao-No-Campo-Final>